

58º Seminário do GEL – jul.2010

ENSINO DE PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS E  
GRAMÁTICA COMUNICATIVA: DOS ENUNCIADOS  
GRAMATICALMENTE CORRETOS AOS ENUNCIADOS  
IDIOMATICAMENTE ADEQUADOS

Liliane Santos

[liliane.santos@univ-lille3.fr](mailto:liliane.santos@univ-lille3.fr)


Université Charles-de-Gaulle – Lille 3

UMR 8163 “Savoirs, Textes, Langage” (CNRS)


# 0. INTRODUÇÃO

Projeto *Gramática Comunicativa da Língua Portuguesa*:  
<http://groups.google.com.br/group/gc-lp>

Santos (2008)



Muitas vezes os livros didáticos de Português para Estrangeiros ensinam muito mais a “evitar os desvios da norma mais frequentes do que a construir enunciados” (Suso López, 2004, p. 224)





Objetivo: permitir que os alunos aprendam não somente a construir frases gramaticalmente corretas mas, especialmente, enunciados idiomaticamente adequados (Hédiard, 1989).

# 1. Concepção de língua

## Quanto à sua natureza:

- i. como um **uso social**, determinado por regras que estabelecem o que é apropriado em cada situação (sociolinguística);
- ii. como um **valor**, ponto de vista de acordo com o qual *falar bem* uma língua (materna ou estrangeira) não apenas confere ao indivíduo reconhecimento e prestígio, mas é também um motor de sucesso profissional (sociolinguística);


- 
- iii. como uma **competência individual**, a partir de uma concepção da língua(gem) como uma força viva, que se exprime (e vive) de maneiras diferentes em cada indivíduo, e cujo funcionamento implica o ser na sua totalidade: a sua personalidade, os seus conhecimentos, a sua afetividade, etc. (Humboldt, gerativismo);
  
  - iv. como um **conjunto de regras formais**, inscritas na arquitetura cognitiva dos seres humanos (racionalismo inatista, Chomsky);

- 
- v. como um **objeto**, que pode ser descrito e apreendido sob a forma de um sistema objetivo, independente do sujeito e organizado num sistema de signos que codifica(ra)m a experiência humana. Podendo ser decomposto em subsistemas (fonológico, morfológico, sintático, semântico), solidamente unidos entre si, esse sistema constitui um todo cujo funcionamento responde não somente a regras de coerência interna, mas também às convenções sociais que o instituíram (estruturalismo);
  
  - v. como o **produto de uma atividade cognitiva** que tem por base as representações e as operações do enunciador (cognitivismo, construtivismo).

## Do ponto de vista das suas funções:

- i. “é através [da língua] que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimentos” (Brasil, 1997, p. 23).



- 
- ii. a linguagem verbal possibilita ao homem representar a realidade física e social e, desde o momento em que é aprendida, conserva um vínculo muito estreito com o pensamento. Possibilita não só a representação e a regulação do pensamento e da ação, próprios e alheios, mas, também, comunicar idéias, pensamentos e intenções de diversas naturezas e, desse modo, influenciar o outro e estabelecer relações interpessoais anteriormente inexistentes (*idem*, p. 24).


Assim, a língua é um meio


- i. de **comunicação** social (interpessoal) e de **interação** entre os indivíduos (pragmática);
- ii. de **representação** da realidade física, social e cultural, ou seja, uma **visão de mundo** que o indivíduo adquire em paralelo à aquisição da linguagem (pragmática);
- iii. de **integração social e cultural** – ou de **exclusão**, quando o indivíduo não consegue utilizá-la de acordo com os critérios sociais de correção (sociolinguística);
- iv. de **construção e desenvolvimento da competência cognitiva**, instrumento que tornará possíveis outras aprendizagens (cognitívismo, construtívismo).

## 2. Conceito de gramática

Galisson & Coste (1976, p. 253):


- i. descrição do funcionamento geral de uma língua natural (geralmente uma língua materna);
- ii. descrição da morfologia e da sintaxe de uma língua natural;
- iii. disciplina que estuda as regras de funcionamento ou a evolução das línguas naturais;

- 
- iv. conjunto das prescrições normativas que regem certas áreas e certos detalhes do uso linguístico e que desempenham um papel de discriminação/diferenciação sociolinguística;
  - v. sistema formal construído pelo linguista para estabelecer um mecanismo suscetível de produzir frases consideradas gramaticais pelos locutores de uma língua;
  - vi. sistema interiorizado pelo locutor-ouvinte de uma língua, que lhe permite produzir e compreender as frases dessa língua.




Na aquisição de uma competência gramatical em aula de LE, o professor deve enfrentar ao menos dois problemas:

- i. o grau de adequação dessa descrição à língua “real” utilizada numa dada situação de comunicação;
- ii. as questões colocadas pela relação entre *aquisição* e *aprendizagem*, isto é, que esquema seguir em LE.


- 
- a. a aquisição da gramática de uma língua se dá de maneira implícita, não se utilizando (ou minimamente) a metalinguagem gramatical (portanto, sem exercícios de conceptualização e sem explicações) – é o que se poderia chamar uma “gramática natural”. Nesta perspectiva, é somente após a aquisição da língua que se dá a explicitação das regras (à imagem do que se passa quando da aquisição da LM);
  
  - b. a conversão da gramática explícita em gramática interiorizada, ou seja, o processo se dá no sentido contrário do indicado acima, passando da aprendizagem à aquisição da gramática interiorizada (competência). Note-se que esse é o objetivo do ensino tradicional de LE.


### 3. Gramática comunicativa


- (1) A descrição da gramática de uma língua deve integrar tudo o que esteja envolvido no funcionamento da língua em situação de comunicação: as regras derivadas dos usos, as regras segundo as quais a comunicação ocorre, as modalidades dos discursos e dos textos que os locutores interiorizaram e que utilizam continuamente (...). Neste sentido, possuir a “gramática” de uma língua equivale a possuir uma competência interiorizada dessa língua (Suso López, 2004, p. 230).
  
- (2) “aprender uma língua (...) é aprender a se comunicar” (Wilkins, 1974)

- 
- *know-how funcional* (o conjunto dos atos de fala sociais);
  - *know-how nocional* (expressão de noções e de experiências gerais);
  - regras linguísticas (regras de uso);
  - regras derivadas do contexto em que se produz a troca comunicativa (regras de utilização).



- 
- i. a determinação da aceitabilidade de um enunciado, no plano sistêmico-gramatical (**competência gramatical** ou **linguística**);
  
  - ii. a adequação ao contexto ou à situação de comunicação em que o enunciado é utilizado (competência sociolinguística): regras de uso (registros, por exemplo). Esse **componente sociolinguístico** acompanha-se de um **componente sociocultural** intrínseco, na medida em que a língua transmite uma visão de mundo;

- 
- iii. a adequação do discurso à modalidade discursiva (oral/escrita, tipos de texto – narrativo, argumentativo, correspondência oficial, cartão postal, etc.) (**competência discursiva**);
  
  - iv. a utilização de recursos linguísticos e extralinguísticos para evitar a interrupção da troca ou para fazer com que esta responda às finalidades pretendidas (**competência estratégica**).



(3) uma descrição gramatical voltada para o E/A-LE cujos recursos são os usos efetivos da língua e que tem como objetivo ajudar os alunos a adquirir uma competência comunicativa na língua em questão. Trata-se, portanto, de uma gramática cujo objetivo é *ensinar a se comunicar*.

(4) uma gramática que se baseia na análise do funcionamento dos idiomas a partir de uma perspectiva que leve em conta a comunicação, [uma gramática] em que se analisam todos os matizes e em que nada se dá por conhecido; em que se reconhece um novo papel central às interpretações dos enunciados analisados, como base para a compreensão do funcionamento do sistema. Também é **uma gramática que situa os interlocutores e a interação no centro da análise**. [Nesta perspectiva] adquire, portanto, importância fundamental, o modo como os falantes dizem as coisas, em cada situação, de acordo com as suas intenções comunicativas (Matte Bon, 1995, p. VI)

## 4. Uma gramática comunicativa do Português

- a descrição gramatical tradicional do português LM continua a ser a base do ensino do português LE
- Mesmo se são feitas adaptações quanto ao conteúdo, a taxonomia gramatical tradicional, os exercícios de fixação e a progressão por patamares pensados a partir dos patamares dados pela gramática tradicional continuam a guiar, com maior ou menor força, a elaboração desses manuais

- uma gramática **dos processos e não das categorias** – ou, em outras palavras, uma gramática **do discurso e não do código**.
- uma obra de referência não apenas para os estrangeiros que queiram aprender o português, mas também para todos os que “desejem refletir sobre o sistema para entender seus mecanismos de funcionamento (falantes de (...) [português] como LM ou estrangeiros), assim como todos os que necessitem aprofundar e melhorar a sua própria competência comunicativa em (...) [português]” (Matte Bon, 1995, p. V)

## 5. Considerações finais

**modelo teórico subjacente às análises:**

- teorias da enunciação → descrição gramatical de base pragmática
- certas posições teóricas estão excluídas *a priori* – como é o caso do “modelo do código”, que não leva em conta a interação, assim como de todos os modelos que não fazem uma distinção clara entre *frase*, *oração* e *enunciado*



- constituição da bibliografia:

- *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* (QECR; ver Conselho da Europa, 2001),

- PCN-LE

- a norma: PT/BR



- evitar o divórcio, ainda frequente, entre a língua que o aluno aprende em sala de aula e aquela que ele conhece nas suas relações com os falantes nativos:

“o gramático deve primeiramente descrever a língua que se usa em nossa época, pois é dela que os alunos precisam para a comunicação cotidiana; ele também deve dar a conhecer ao seu aluno que certas construções são próprias à modalidade oral da língua, ao passo que outras pertencem à língua escrita, ou que certos termos e expressões não são aceitáveis num registro coloquial ou familiar” (Suso López, 2004, p. 223)

# Referências

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental (1997) *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto.
- CONSELHO DA EUROPA. (2001) (dir.) *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas*. Lisboa: Asa [Disponível em [http://sitio.dgidc.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/724/Quadro\\_Europeu\\_total.pdf](http://sitio.dgidc.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/724/Quadro_Europeu_total.pdf); jun.2008.
- GALISSON, R. & COSTE, D. (1976) *Dictionnaire de didactique des langues*. Paris: Hachette.
- HÉDIARD, M. (1989) “Langues voisines, langues faciles?”. *Studi italiani di linguistica teorica ed applicata*, XVIII, 1-2, pp. 225-231.
- MATTE BON, F. (1995a) *Gramática Comunicativa del español. De la lengua a la idea*. Madri: Edelsa (Tomo I), 2ª ed.
- MATTE BON, F. (1995b) *Gramática Comunicativa del español. De la idea a la lengua*. Madri: Edelsa (Tomo II), 2ª ed.
- SANTOS, L. (2008) *Para uma gramática comunicativa da língua portuguesa*. Videoconferência apresentada aos membros do projeto *A Língua Portuguesa no Mundo*. Lille: Université de Lille 3, 28 nov., disponível em <http://iptv.usp.br/overmedia/grupo.jsp?idGrupo=102>
- SUSO LÓPEZ, J. (2004) “La grammaire et les descriptions de la langue: la réflexion sur le fonctionnement de la langue favorise-t-elle l’apprentissage du FLE?”. In: SUSO LÓPEZ, J. (coord.), *Phonétique, lexique, grammaire et enseignement-apprentissage du FLE*. Granada (Espanha): Método, pp. 215-258.
- WILKINS, D. A. (1974) *Second-Language Learning and Teaching*. London: Edward Arnold.



Muito obrigada!